

CASAS E COISAS: RESENHA DE UMA EXPOSIÇÃO

HOUSES AND THINGS: REVIEW OF AN EXHIBITION

CASAS Y COSAS: RESEÑA DE UNA EXPOSICIÓN

Raissa Monteiro dos Santosⁱ  

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2022 o Museu do Ipiranga foi reaberto em São Paulo como parte das comemorações do bicentenário da independência. Apesar da instituição ser popularmente associada ao evento, suas linhas de pesquisa são amplas e dividem-se nos seguintes temas: Cotidiano e Sociedade, Universo do Trabalho e História do Imaginário. Nesse sentido, as onze exposições de longa duração inauguradas na ocasião da reabertura foram elaboradas de acordo essas linhas de pesquisa, tratando de temas que extrapolam as discussões sobre a independência do país.

Uma das exposições que integra a linha de pesquisa Cotidiano e Sociedade é *Casas e Coisas*, de curadoria de Vânia Carneiro de Carvalho, que aborda a moradia enquanto espaço constituidor de identidades e subjetividades. Parte substancial da exposição é um desdobramento do trabalho de doutoramento de Carvalho, defendido em 2001, acrescido de pesquisas sobre a relação entre gênero e materialidade que a autora vem desenvolvendo nos últimos anos (CARVALHO, 2019). A exposição também contou com a colaboração das pesquisadoras Maria Eugênia Gomes, Laura Feliccio e Viviane Aguiar para o desenvolvimento

ⁱGraduada em História pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da mesma instituição.

dos conteúdos da última sala. Eu acompanhei a organização dessa exposição como assistente de curadoria, serviço prestado entre os anos de 2020 e 2022, razão pela qual esta resenha é também um relato pessoal.

Casas e Coisas está localizada no pavimento A, na ala oeste, e está organizada em cinco salas contíguas. Na primeira sala, um longo multimídia exhibe colagens de imagens que buscam estabelecer conexões entre fotografias de ambientes internos e objetos do acervo do Museu; a segunda e a terceira sala tratam do ambiente doméstico enquanto constituinte das identidades de gênero; e as duas últimas salas abordam as áreas de trabalho da casa, a de serviço e a cozinha.

EXPLICANDO CONCEITOS COM OBJETOS: SALAS 2 E 3

Duas salas possuem em seus títulos perguntas similares. A sala dois (Objetos femininos?) e a sala três (Objetos masculinos?) convidam o visitante a observar e questionar objetos domésticos aos quais foram socialmente atribuídas noções tradicionais de feminilidade e masculinidade. Buscando afastar-se da ideia de que o Museu estaria validando o que seriam essas noções de gênero, ao invés de apresentando quais características lhes foram historicamente atribuídas, optou-se por intitular as salas com um questionamento, incentivando a reflexão de quem as visita.

As duas salas exibem um contraste de materiais e cores. Na sala sobre o feminino estão dispostos objetos com diversas tonalidades e decorações relacionadas à natureza. Bibelôs representando mulheres, roupas cor-de-rosa, vasos coloridos, materiais de costura e louças com temáticas diversas estão entre os objetos apresentados. Vê-se ali uma profusão de cores e de estampas que remetem a uma natureza pacificada, paisagem esta que contrasta com a sobriedade da sala seguinte, onde tons de marrom, preto, azul e cinza imperam mesmo em objetos com funções decorativas, como em bustos e em relógios de mesa.

A diferença entre as decorações presentes nos objetos das duas salas evidencia uma questão apresentada no texto introdutório da exposição, localizado logo na entrada: “Por que os objetos decorados com flores que usamos em nossa casa são quase sempre vistos como femininos?”. A pergunta poderia ser estendida e desdobrada em diversas outras: por que uma blusa cor de rosa foi por tanto tempo associada ao uso feminino? Por que em objetos de trabalho intelectual, que era feito predominantemente por homens até poucas décadas atrás, prevalecem cores sóbrias? Por que ainda se faz a associação que objetos com estampas de pequenos animais seriam mais femininos?

Nota-se que, no contexto apresentado pela exposição, as questões colocadas inserem-se em uma lógica binária de gênero, classificando os objetos necessariamente como femininos ou como masculinos. Sobre o tema, é importante apontar que pesquisas sobre a diversidade sexual e de gênero em museus brasileiros ainda é incipiente e há poucos esforços nas instituições seja em adquirir coleções que incluam a temática seja em incentivar que o acervo existente seja pesquisado a partir dessa ótica (VIEIRA, 2021). Ressalta-se, no entanto, os esforços feitos pelo Museu do Ipiranga em ouvir a população LGBTQIA+ ao longo do

processo de elaboração das exposições através de escutas com esse público, nas quais foram apresentadas brevemente os núcleos das exposições e discutidas as problemáticas em torno deles. Especificamente sobre *Casas e Coisas* foram feitas algumas escutas dirigidas sobre o multimídia presente nessas duas salas, cujo objetivo é ampliar o debate, mostrando que os usos e apropriações dos objetos apresentados ultrapassam o discurso normativo das fontes mais tradicionais.

Como pontuado anteriormente, parte substancial das premissas apresentadas nessas duas salas possuem origem na pesquisa de doutorado de Carvalho, publicada como livro em 2008. Nesse trabalho, ela analisou periódicos, manuais de etiqueta, literatura, anúncios publicitários e objetos tridimensionais a fim de compreender como sentidos gendricificados foram atribuídos a objetos, espaços da casa e ações na passagem do século XIX para o século XX. Buscou-se analisar como a organização material da casa – arranjos, ornamentação e objetos – reproduziam e produziam diferenças entre os gêneros (CARVALHO, 2008, p. 20). Os conceitos norteadores da pesquisa de Carvalho são explanados no primeiro capítulo do livro e foram materialmente apresentados nas salas dois e três da exposição.

A autora denomina *ação centrípeta* a relação que o repertório masculino estabelece com seus usuários, colocando-os no centro ao redor do qual orbitam objetos cujas características definem a personalidade individualizadora do homem, sem eclipsá-la. São objetos com funcionalidade evidente, que fazem referência ao trabalho desenvolvido dentro de escritórios ou à vida pública – como canetas, máquinas de escrever, mata-borrões e bustos de figuras públicas. Na sala três, essa ideia deu origem a dois núcleos, exibidos dentro de uma mesma vitrine. No núcleo “Eu uso a cabeça para trabalhar”, a curadoria buscou ressaltar a associação presente entre o trabalho intelectual, desenvolvido dentro dos escritórios, e a masculinidade. Nessa parte da vitrine estão expostos mata-borrões, pasta para documentos, máquinas de escrever e porta-canetas com calendários, todos produzidos aproximadamente entre os anos de 1870 e 1960.

Imediatamente ao seu lado encontra-se o núcleo “Estou de olho lá fora”, no qual são exibidos objetos que reforçam a conexão existente entre a masculinidade e a vida pública, que extrapola a circunscrição da casa. Ali estão canetas, objetos decorados com rostos de políticos, como um prato decorativo com o busto de dom Pedro II, bibliocantos com o busto de Ruy Barbosa e peso de papel com o rosto de Napoleão Bonaparte, aos quais somaram-se um conjunto de radinhos à pilha adquiridos recentemente pelo Museu Paulista.

Se dentro do ambiente doméstico os objetos relacionados ao homem buscam colocá-lo em evidência, caracterizando seu trabalho e sua capacidade de raciocínio lógico, a presença feminina é difusa e encontrada em pequenos detalhes ao redor da casa, característica inespecífica que Carvalho denominou *ação centrífuga*. Esse “toque feminino” era visto especialmente em trabalhos manuais elaborados tanto para enfeitar quanto para camuflar, como era o caso das coberturas e dos porta-objetos. Em *Casas e Coisas*, o trabalho manual da costura é apresentado na vitrine “Camuflagem do trabalho e da tecnologia”, onde são mostrados objetos que se metamorfoseiam para camuflar sua funcionalidade relacionada ao trabalho: agulheiros em formato de miniaturas de sombrinha e de tartaruga, caixa de costura em formato de miniatura de sofá, cestos e caixas de costura feitos para acomodar retalhos, linhas e agulhas e mantê-los longe da vista dos outros moradores da casa.

Outro aspecto central para o conceito de ação centrífuga é a noção de contiguidade entre acessórios de uso pessoais femininos e adornos para casa. O corpo da mulher e os ornamentos da casa compartilham dos mesmos temas decorativos: flores e folhas multiplicam-se em roupas e toalhas de mesa, em bijuterias e bibelôs. Tal fusão temática produzia e reforçava a ideia de que a casa seria o lugar feminino por excelência e esse é o aspecto mais presente nas

vitruines da sala dois. Destaco aqui dois momentos em que a fusão entre corpo e casa foram apresentados. Na vitruine que abre a sala, há diversos objetos decorativos com temáticas de flores, de folhas e de pequenos animais e dois grandes objetos recebem destaque: um lustre com folhas de acanto ao lado de um vestido estampado com folhas de parreira. Em outra vitruine o mesmo recurso visual foi utilizado para reforçar esse ponto: uma saia decorada com andorinhas está exposta ao lado de andorinhas de porcelana usadas como decoração de paredes (Figura 1).



Figura 1 - Nesta vitruine, objetos ornamentados com pássaros são expostos ao lado da saia. Foto da autora.

ESPAÇOS DE TRABALHO DA CASA: SALAS 4 E 5

Seguindo adiante na exposição, a sala quatro funciona como espaço de transição entre as discussões sobre as áreas sociais e as áreas de trabalho da casa. Intitulada “Distinção e trabalho”, ela apresenta apenas duas vitruines, uma exibindo diversas esculturas e bibelôs de cenas de cortesia, e a outra mostrando ferros de passar roupa. O contraste entre a materialidade das duas tipologias de objetos salta aos olhos. As esculturas feitas em cerâmica e em porcelana são coloridas e quebráveis; algumas são mais robustas e parecem requerer cuidado para serem manipuladas. Já os ferros são tão robustos e escuros que se fundem visualmente com a estrutura metálica acinzentada da própria vitruine, sugerindo que são pesados, embora sejam feitos para a manipulação cotidiana.

As imagens matrizes das cenas de cortesia possuem origem na França setecentista, em pinturas e esculturas produzidas dentro do gênero rococó. Denominadas *fêtes galantes*, elas reproduziam cenas de ócio protagonizados pela nobreza, onde se veem pessoas lendo, tocando, dançando ou conversando, sempre envoltas a elementos da natureza. Essas imagens chegam ao

século XX adaptadas aos valores burgueses da sociedade industrial e continuam sendo produzidas em materiais caros e baratos. A análise dessas esculturas faz parte de estudos mais recentes (CARVALHO, 2017) desenvolvidos dentro do Museu a partir de 2009, quando teve início o projeto de pesquisa denominado *Morar Paulistano* (CARVALHO, 2011), que possibilitou a realização de coletas de objetos relacionados à constituição da casa moderna, dentro dos quais incluíram-se as cenas de cortesia.

Na sala quatro é possível visualizar que a especialização das residências no início do século XX, com o surgimento de cômodos destinados a determinadas atividades, foi um processo acompanhado pela especialização dos objetos de cada área da casa. Cenas de cortesia e ferros de passar dificilmente estariam lado a lado em alguma residência. As esculturas, por serem ornamentadas e frágeis, induzem uma movimentação corporal de contemplação, cuidadosa e com foco no olhar. Por isso, usualmente é inserida em áreas sociais, ao contrário dos ferros que são guardados em áreas de serviço e que não sugerem uma movimentação cautelosa, devido sua robustez.

Interessante pontuar que a curadoria optou por não expor os ferros em ordem cronológica de fabricação – estratégia muito comum e que induz a uma narrativa pautada na evolução e na melhoria tecnológica. Ferros elétricos, movidos a carvão ou a querosene estão misturados, rompendo com a ideia de que o primeiro teria substituído completamente os seguintes. Sabe-se que as tecnologias são coexistentes e que ainda hoje ferros não elétricos seguem sendo utilizados, especialmente pela população pobre.

Estratégia similar foi utilizada na última sala da exposição, “Cozinha e felicidade”. Buscando-se afastar da noção de que a eletrificação da cozinha e o surgimento de alimentos industrializados varreram desse cômodo os objetos mecânicos e modo artesanal de cozinhar, as vitrines exibem objetos com temporalidades similares, coexistindo. É o que ocorre parcialmente na vitrine “Mais tempo, mais trabalho”, que mostra uma coleção de liquidificadores e batedeiras ao lado de diversos equipamentos mecânicos, alguns deles facilmente reconhecidos por ainda se fazerem presentes nas cozinhas. Nessa vitrine, optou-se por exibir os equipamentos elétricos de acordo com a lógica publicitária, isto é, numa linha cronológica teoricamente evolucionista. O resultado, no entanto, é a constatação visual de que o liquidificador de 1965 pouco difere do aparelho lançado em 1944, e ambos ainda guardam semelhanças visuais muito próximas do eletrodoméstico que conhecemos hoje (Figura 2).



Figura 2 - Liquidificadores expostos na vitrine "Mais tempo mais trabalho". Fotografia da autora

As vitrines dessa sala ressaltam uma estratégia presente em toda a exposição. Optou-se por expor séries de objetos a fim de demonstrar a recorrência dos temas tratados, ao invés de apresentar ao público um objeto-síntese da argumentação. As vitrines cheias guardam similaridade tanto com os armários de uma casa, que por vezes armazenam mais itens do que deveriam, quanto com o trabalho do historiador que utiliza fontes materiais para estudar a sociedade. Diversas vezes é preciso analisar a recorrência, a repetição, para fazer afirmações sobre os valores conferidos a um objeto. Uma lata estampada com flor pode ser material suficiente para promover um questionamento, mas a recorrência dessa estampa permite que se façam análises sobre os sentidos que lhe foram atribuídos.

Em *Casas e Coisas*, a redundância dos objetos nas vitrines guarda essa proximidade com os métodos utilizados nos trabalhos acadêmicos da curadora e das pesquisadoras associadas. Por ser usado em todas as salas, no entanto, o recurso pode tornar a visita exaustiva para aqueles que desejam ver minuciosamente a exposição, uma vez que há diversas outras vitrines, para além das que foram aqui abordadas, que desdobram os temas centrais da mostra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Casas e Coisas foi a exposição de montagem mais extensa, devido principalmente à quantidade e à diversidade de objetos expostos. São 915 objetos divididos em cinco salas, dezessete vitrines e dez gavetas. A datação do acervo apresentado é igualmente extensa, variando do século XVIII até o século XXI. Essa escolha foi essencial para evidenciar que

embora a constituição da casa moderna em São Paulo tenha se iniciado no começo do século XX, esse processo possui raízes que a antecedem e que avançam até a contemporaneidade.

Nota-se, portanto, que *Casas e Coisas* é uma exposição de grandes proporções. Embora ocupe a mesma área que outras mostras do Museu, há ali um número elevado de vitrines, objetos e conceitos. Hierarquizar informações em uma exposição de História é uma tarefa árdua cuja efetividade pode ser quantificada apenas com o acompanhamento de pesquisas de público e promovida por meio de ações educativas e atividades de extensão.

Por fim, cabe ressaltar que o esforço do Museu Paulista em diversificar o seu acervo, redirecionando sua política de aquisição para incentivar a incorporação de coleções mais representativas de campos sociais relegados ao longo da história (LIMA; MARINS; CARVALHO, 2021), é um processo visível em *Casas e Coisas* e em outras exposições inauguradas com a reabertura. Ao invés de cenografias montadas para emular o que seriam ambientes domésticos em determinados momentos da história (os chamados *period rooms*), os objetos são expostos de modo a evidenciar sua materialidade e seu papel como documento. Expor objetos que foram e são utilizados por diversas classes sociais, além de incluir novos sujeitos na narrativa institucional, amplifica os temas abordados e também seus repertórios.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material, espaço doméstico e musealização. *Varia Historia*, n. 27, vol. 46, 2011
- _____. Cinderelas, bailarinas e a vida longa das galanterias. *Anais do Museu Paulista*, vol. 27, 2019
- _____. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp, 2008
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; MARINS, Paulo Garcez; LIMA, Solange Ferraz. Curadoria em museus de história. *Anais do Museu Paulista*, vol. 29, 2021
- VIEIRA, Leonardo da Silva. “Papéis sexuais” no acervo do Museu Paulista. *Cadernos de Sociomuseologia*, vol 61, n. 9, 2021.